



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Cuidado com os buracos

Que me desculpe o leitor, mas a crônica hoje será de utilidade pública. Há vários governos, tráfegar de carro durante o período de chuva tornou-se uma aventura em todo DF. Não é diferente agora e, talvez seja mais dramático, pois as condições de escoamento e de absorção das águas pioraram.

Durante muito tempo, sofri com os buracos e as crateras abertas nas vias próximas ao condomínio onde moro. Os prejuízos

eram imensos a cada tombo nas rachaduras expostas ou dissimuladas nas poças.

Conforme o baque, era preciso não apenas trocar o pneu, mas, também, desamassar a roda. O que fazer? Fotografar e pedir ressarcimento enfrentando um processo kafkiano? O dano não é apenas financeiro, envolve, ainda, o aborrecimento, a perda de tempo e a sensação de absurdo.

Caí tantas vezes em buracos que resolvi me precaver. Elaborei um mapa mental, decorei a cidade, sabia exatamente onde estavam, e, na condição de copiloto, alertava para os pontos de perigo, a ponto de a minha filha comentar: “Você é um neurótico”. Ao que, eu respondia: “Certíssimo,

sou eu quem pago o prejuízo”.

Claro que nenhum governante consegue resolver todas as encrencas de uma cidade tão grande, que se desdobra em metrópole. Cheguei a fazer uma lista das mazelas que atravessam governos de esquerda e de direita ao longo de décadas sob o significativo título de “Insanável” e insolúvel”. No entanto, os problemas da cidade têm solução, mesmo os difíceis e os complexos.

Os engenheiros e técnicos sempre disseram, em inúmeras matérias, que a questão dos buracos decorria apenas da qualidade ou da falta de qualidade do asfalto. E eu pude constatar a afirmação em vários pontos

da cidade ou das cercanias de Brasília. Desde o momento em que resolveram aplicar um asfalto de qualidade nas vias de trânsito próximas ao condomínio para que os buracos sumissem miraculosamente.

Antes, a cada chuva, era um tormento, pois eles brotavam no asfalto com uma velocidade estonteante. E, de um dia para o outro, o burquinho virava buracão e, se não fosse reparado, se transmudara em cratera. Isso ocorreu também na BR-40, que eu percorri, durante muitos anos, rumo a um sítio próximo a Cristalina. Com a aplicação de um asfalto de qualidade, os buracos rarearam ou se tornaram bem menos perigosos.

A quem interessa usar um asfalto de

qualidade inferior? Ao erário e ao bolso do cidadão, eu posso garantir que não, pois ele exigirá uma infinidade de remendos precários. A cada nova chuvinha, se derreterá e abrirá uma fenda no chão. E tome remendos infundáveis.

Então, se fizer a conta, o barato sai caro. Não é preciso ser um engenheiro ou um especialista no sistema viário. Basta observar a cidade e constatar que os buracos proliferam nos locais em que foi aplicado um asfalto ruim. E, agora, com as mudanças climáticas, o cuidado deve ser redobrado, pois os impactos serão muito maiores e de consequências muito mais graves. Certos problemas são perfeitamente sanáveis e solúveis.

Fotos: Ed Alves/CB/DA Press



Os 12 tons de azul utilizados nos vitrais do Santuário Dom Bosco compõem um céu estrelado



Márcia Ramos visita o Santuário Dom Bosco pela primeira vez acompanhada da cunhada e da filha



“O azul, que lembra o céu, cria um clima de oração e nos aproxima de Deus”, afirma Juliete Pires

» MANUELA SÁ*

Em contraste com o concreto bruto que marca a paisagem de Brasília, a delicadeza dos vitrais desponta em alguns dos espaços mais conhecidos da cidade. Cor, vidro e luz se unem na Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida e no Santuário Dom Bosco para transformar a atmosfera desses ambientes, convertendo-os em um local de contemplação.

Apesar de os vitrais serem parte emblemática da Catedral, na Esplanada dos Ministérios, eles vieram depois da inauguração. A obra foi encomendada pelo arquiteto Oscar Niemeyer à artista franco-brasileira Marianne Peretti e instalada apenas em 1990, vinte anos após a inauguração da igreja. Posicionados na cobertura da nave, entre os 16 pilares de concreto, os vitrais apresentam curvas em tons de azul e verde sobre um fundo branco.

Pároco da Catedral há três anos, o padre Agenor Vieira explica que a instalação sempre foi um desejo de Niemeyer por acreditar ser uma necessidade de catedrais. Coube a Marianne Peretti transformar essa ideia em realidade. “Niemeyer é o pai da forma e Marianne é a mãe da ambientação”, destaca o padre.

Além do valor artístico, os vitrais cumprem uma função prática que é controlar a luminosidade. Antes da instalação, a intensa luz solar dificultava a leitura dos padres durante as celebrações. Para amenizar o problema, Marianne escolheu cores em tons frios. Há ainda razões simbólicas que explicam essa escolha. “O azul remete ao céu, o verde à natureza e o branco às nuvens. Em dias ensolarados, a luz atravessa o vidro e projeta ondas coloridas no chão”, explica padre Vieira.

Segundo o sacerdote, os vitrais também ajudam a arquitetura a conduzir os fiéis a um ambiente de recolhimento. “Sob as cores do teto, a pessoa se desconecta do mundo exterior e se conecta consigo mesma e com o espiritual”, afirma.

Encanto da cor no vidro

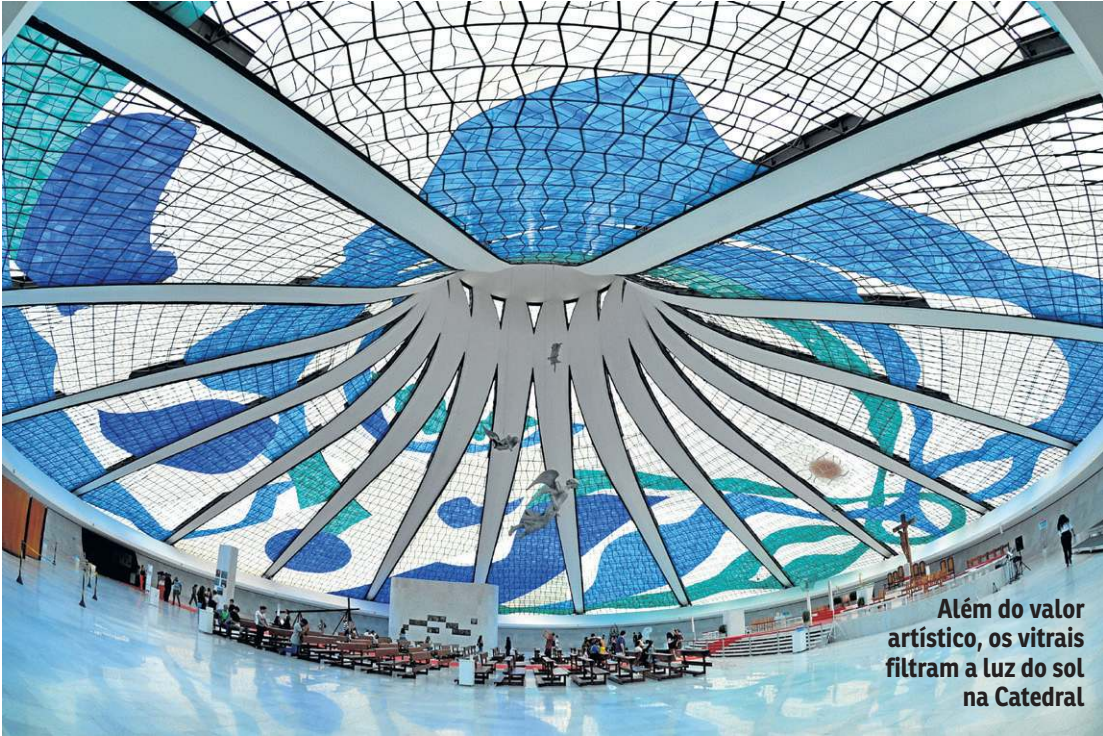
Luz que atravessa os vitrais da Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida e do Santuário Dom Bosco criam ambientes de contemplação para visitantes

A turista Leocadia Soares, 66 anos, veio de Maceió (AL) com a família. Para ela, as formas abstratas dos vitrais despertam reflexão. “Sei que há um significado. Pode ser pessoal, mas acho interessante pensar no que essas formas representam”, comenta. Também de passagem pela capital,

os dentistas Lorena Soriana, 30, e Jorge Brito, 25, aproveitaram uma escala a caminho de um congresso em São Paulo para conhecer os pontos turísticos da cidade. O casal se surpreendeu com os vitrais da Catedral. “Por vídeo impressiona, mas ao vivo é outra sensação. É realmente lindo”, diz Brito.

Outro exemplo do uso marcante de vitrais está no Santuário Dom Bosco, na Asa Sul. São 2,2 mil metros quadrados que conferem ao local uma atmosfera sublime. Há dois anos reitor pároco do santuário, o padre João Carlos André explica o projeto: “Com azul em 12 tons, do mais claro na parte inferior ao mais escuro no alto, temos a impressão de estar no céu. Essa cor remete a um espaço estrelado, sensação criada pelos pequenos pontos brancos entre um vitral azul e outro. Além disso, há quatro blocos laterais com vitrais em três tonalidades de rosa”.

O padre André comenta o impacto do projeto de autoria do arquiteto mineiro Carlos Alberto Naves e dos vitrais assinados por Hubert Van



Além do valor artístico, os vitrais filtram a luz do sol na Catedral



“Por vídeo impressiona, mas ao vivo é outra sensação. É realmente lindo”, diz Jorge Brito

Doorne, artista belga, sobre os visitantes. “O que atrai, para além da beleza, é o fato de a pessoa, ao entrar, se envolver em um mistério”, avalia. Ele destaca o efeito que a luz tem sobre o local. “O amanhecer e o entardecer são belíssimos por causa da luz refletida. Eles trazem essa beleza que impacta e impressiona”, comenta.

Integrante do núcleo de Servidores

do Altar da Arquidiocese de Brasília, a psicóloga Juliete Pires, 29, frequenta o santuário quase diariamente, mas não deixa de se impressionar. “É uma das grandes belezas do local. O azul, que lembra o céu, cria um clima de oração e nos aproxima de Deus”, afirma.

Moradora de Brasília, a professora Márcia Ramos, 56, visitou o santuário



“Sob as cores do teto, a pessoa se desconecta do mundo exterior e se conecta consigo mesma e com o espiritual”, diz o padre Agenor Vieira, pároco da Catedral

pela primeira vez ao lado da cunhada, que veio de Porto Alegre, e da filha. Para ela, os vitrais são uma verdadeira obra de arte. “Vimos fotos da igreja com sol, e ela fica belíssima. Mas mesmo em um dia nublado, continua linda”, conclui.

*Estagiária sob a supervisão de José Carlos Vieira

Homenagem a quem dedicou a vida à arte

O Centro de Dança do Distrito Federal passou a se chamar, oficialmente, Centro de Dança Gisèle Santoro, em homenagem à bailarina, coreógrafa e professora falecida em outubro de 2025, aos 86 anos. A placa com o novo nome foi instalada ontem. Gisèle foi uma das fundadoras do Seminário Internacional de Dança de Brasília e criadora da Mostra de Dança de Brasília, participou ativamente da inauguração do Teatro Nacional, em 1978, e formou gerações de bailarinas e bailarinos no Centro de Dança do DF. Para o secretário de Cultura e Economia Criativa do DF, Cláudio Abrantes, dar o nome de Gisèle Santoro ao local é um gesto de gratidão e reconhecimento a uma mulher que dedicou a vida à arte e influenciou gerações de artistas locais. “Ela não apenas fez história, ajudou a escrever a história da nossa cultura com talento, sensibilidade e amor pela cidade que escolheu para viver.”

Bruna Gaston CB/DA Press

